

**CRIAÇÕES LEXICAIS E RECRIAÇÕES POÉTICAS N'OS
DESVALIDOS, DE FRANCISCO J.C. DANTAS**

**LEXICAL CREATIONS AND POETIC RECREATIONS IN OS
DESVALIDOS, BY FRANCISCO J.C DANTAS**

Raphael Bessa Ferreira*

Resumo: O presente trabalho propõe-se a discutir alguns elementos relacionados às criações estilísticas lexicais na obra romanesca *Os Desvalidos* (2012), do autor sergipano Francisco J.C. Dantas. Assim, os aspectos oriundos do eixo do enunciado textual - tal como o elemento mórfico -, serão esmiuçados graças às teorias de estilo e de lexicologia. Desta feita, para tal empreitada, serão de grande valia os aportes teóricos de estilo de Michel Théron (1992), Nilce Sant'Anna Martins (1989) e Pierre Guiraud (1978); bem como do suporte das teorias de criatividade lexical de Louis Guilbert (1975), Ieda Maria Alves (1989), e de Maria Aparecida Barbosa (1981). Com isso, averiguar no discurso literário aqui estudado as potencialidades expressivas dos vocábulos regionais, das gírias sertanejas, das locuções e expressões populares as quais o autor enfatiza, jungem ao discurso poético todo um repertório de possibilidades de escolhas lexicais e semânticas da língua em seu uso popular, coloquial e oral junto a um mundo erudito, culto e universal; foco de intenção do escritor ao mesclar, pelo hibridismo que o gênero romanesco comporta, as facetas de um Brasil arcaico e moderno, tanto socialmente (relações econômico-sociais) quanto culturalmente (relações linguageiras).

Palavras-Chave: *Os Desvalidos*, Estilo, Léxico.

Abstract: This paper proposes to discuss some elements related to stylistic lexical creations at the novel *Os Desvalidos* (2012), by the author Francisco J.C. Dantas. Thus, the issues arising from the axis of textual statement - such as morphic element - will be scrutinized thanks to the theories of style and lexicology. This time, for this venture will be of great value the theoretical contributions of style by Michel Théron (1992), Nilce Sant'Anna Martins (1989) and Pierre Guiraud (1978), as well as supporting the theories of lexical creativity of Louis Guilbert (1975), Ieda Maria Alves (1989), and Maria Aparecida Barbosa (1981). Thus, ascertaining the literary discourse studied here with the potential of regional vocabulary, slang of backcountry, the popular phrases and expressions which the author emphasizes the poetic discourse join a whole repertoire of possibilities for semantic and lexical choices in their use of popular language, colloquial and oral, along with a scholarly world, worship and universal focus of intent to merge the writer, hybridity by the novel style behaves, the facets of an archaic and modern Brazil, both socially (economic and social relations) as culturally (relations of language).

Keywords: *Os Desvalidos*, Style, Lexicon.

Prelúdio

* Professor Efetivo da Cátedra de Literatura da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Mestre em Literatura Brasileira pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Graduado em Letras – Língua Portuguesa – pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Coordenador Adjunto do Curso de Letras da UEPA. E-mail: ru-98@hotmail.com

A literatura e a lingüística, ao menos no pensamento acadêmico/universitário, segregaram-se no *topos* ao qual está inserida a grande área das Letras. À arte da palavra coube desvelar os sentidos do texto em seus variados recursos disciplinares (história, sociologia, antropologia, psicanálise, filosofia, etc.), enquanto à Linguística restou a análise do material linguageiro criado pelo homem, isto é, deteve-se esta disciplina em pesquisar *langue/parole* no sentido saussureano. Contudo, sabe-se que os estudos lingüísticos e literários assumem postura convergente quando inseridos sob o paradigma epistemológico da Estilística, também conhecida como Estudo do Estilo.

Fonte oriunda dos ensinamentos de Saussure (vide os estudos do discípulo Charles Bally), a Estilística pontua o retorno de Língua/Linguística à Literatura, ambas jungidas ainda sob a égide da análise do discurso e da análise textual. Segundo Nilce Sant'Anna Martins, para o seminal pesquisador do estilo, Charles Bally, “a Estilística estuda os fatos da expressão da linguagem, organizada do ponto de vista do seu conteúdo afetivo, isto é, a expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e a ação dos fatos da linguagem sobre a sensibilidade.” (MARTINS, 1989, p.4).

Assim sendo, a análise do estilo de um texto literário, por exemplo, reflete o mundo criado pelo seu autor. Expressa de maneira individual e corrente o pensamento de vida do artífice ficcional. Como legou o Conde de Buffon (Georges-Louis Leclerc): “*Le Style c'est l'homme même*”¹ (BUFFON, 1946, p.25). O estilo, portanto, espelha a particularidade de cada indivíduo enquanto produtor lingüístico/textual. O enunciador se mostra, enquanto personalidade individuada, inserido nas diversas esferas sociais (MAINGUENEAU, 1997). Pela comunicação, ou diálogo, capta-se o estilo do sujeito; pelo discurso conhece-se seu mundo e suas visões; pelo gênero do discurso conclui-se as escolhas estruturais da produção lingüística salientada no enunciado (BAKHTIN, 2003).

Enquanto discurso, o estilo de um autor literário sobrepõe toda uma cosmovisão, ao mesmo tempo particular e universal. Os efeitos expressivos da escrita ficcional redundam em informar os múltiplos sentidos do tecido textual. A expressividade estilística imprime ao discurso a afetividade lingüística.

Sendo escolha, tanto estilo como discurso jungem ao texto poético intenções da natureza particular do indivíduo social e estético. Aí, supera-se a máxima de Buffon e vislumbra-se o diálogo (Bakhtin) de dois mundos:

¹ O Estilo é o próprio homem. (tradução minha)

A análise do estilo observará então, para quem da expressão textual, mecanismos de construção do sentido, os quais acabam por dar indicações de quem é o próprio sujeito pressuposto; esse sujeito, ao mesmo tempo único e duplo. O estilo são dois homens. (DISCINI, 2009, p.07).

Ao estudioso do estilo caberá aproximar, dessa forma, o método posto em prova pela análise dos fatos expressivos íntimos às condições de enunciação e enunciado, ou, como afirma Combe, ao estilo deve-se ainda mostrar:

qu'il ne s'agit pas seulement d'un objet, mais aussi d'une méthode, qui vise à réinscrire le style dans renonciation, dans sa dimension sociale et historique - ou plutôt d'un objet qui conditionne une méthode [...] la stylistique des genres peut faire une force en assumant son "hybridité" sans mauvaise conscience, dans la mesure où celle-ci provient de son objet même: les genres, qui sont ambivalents par nature parce qu'ils mettent en relation, en équilibre: la langue comme fait social et la parole individuelle, le discours ordinaire et la littérature, l'intemporel et l'historique, le matériau verbal et les thèmes. (COMBE, 2002, p.41)².

1. Interlúdio: criatividade estilística lexical

A estilística léxica, parte dos estudos estilísticos e dos trabalhos da morfologia da língua, pretende analisar as ocorrências lexicais e vocabulares criadas pelos falantes de determinadas línguas com o intuito de examinar tanto a inventividade do morfema em um contexto menor (enunciado) quanto em um contexto maior (enunciação).

Da mesma forma, intermitente aos trabalhos da estilística lexical estão as investigações da neologia literária, ramo da estilística e dos estudos literários que se propõe a destrinchar as criações e revoluções produzidas por escritores em textos ficcionais (literatura).

Com base nisso, muitos são os trabalhos acadêmicos que desvendam a carga morfológica, e ao mesmo tempo semântica, empregada por autores literários em obras estéticas. Nilce Sant'Anna Martins destrinchou os neologismos de Guimarães Rosa em *O Léxico em Guimarães Rosa* (2001), Manif Zacharias versou sobre a linguagem sertaneja e científica coletada e garimpada por Euclides da Cunha em *A lexicologia de Os Sertões* (2001), e Maria do Socorro Silva Aragão examinou a produção lexical das obras de José Lins do Rego em *A linguagem regional popular na obra de José Lins do Rego* (1990).

² Que ele não é apenas um objeto, mas também um método, que visa reinscrever o estilo à renúncia, na sua dimensão social e histórica - ou melhor, um objeto que condiciona um método [...] a estilística dos gêneros pode assumir o seu "hibridismo" sem má consciência, na medida em que tenha como próprio objeto: os gêneros, que são ambivalentes por natureza, porque abarcam, em relação de equilíbrio; a linguagem como um fato social e a fala individual, o discurso comum e a literatura, o atemporal e o histórico, o material verbal e seus temas. (tradução minha)

Ora, se à literatura cabe o epíteto de “arte da palavra”, nada melhor do que cumprir, por meio de leitura interpretativa intrínseca ao próprio texto literário, o que o suporte teórico da estilística neológica oferece.

A estilística lexical congrega os estudos sobre o léxico tanto em produções orais quanto em criações literárias. O aporte das disciplinas do léxico (lexicologia e lexicografia) ao aparato metodológico da estilística auxilia ao intérprete do texto literário a dissecar as instâncias lingüísticas exploradas pelo autor ficcional.

Segundo Guilbert, em *La Créativité Lexicale* (1975), a criação neológica também apresenta aspecto íntimo à expressividade da língua, às formas e funções inovadoras das mensagens. A linguagem, para o teórico francês, comunga de status prolífico graças à criatividade.

Guilbert promove ao texto literário certa ênfase nas análises de neologismos por se tratar de criação estética que plasma a linguagem em situação viva e inventiva, diferentemente da linguagem oral, captada no âmbito da realidade e que não provém de aspecto original quando imbricado ao sujeito falante. Daí o texto literário possuir uma acepção das palavras necessária à expressividade de um conceito novo, caráter estrutural própria do estilo. Por isso o neologismo, em Guilbert, assume liderança com o estilo para a concretização de divergentes significados no enunciado textual.

A criatividade lexical comprova, pela criação neológica, a superação do mero código lingüístico limitado. Enunciado textual torna-se agora amplo e diverso, quase infinito em suas possibilidades, tanto quanto às possibilidades e variações encontradas na cultura do falante, seja ele inserido em situação individualizada ou mesmo em correspondência com a sociedade ou ao grupo do qual participa.

A neologia estilística enseja, assim, manifestação inédita das percepções do homem diante do mundo. Daí se explica o caráter criativo e ao mesmo tempo revolucionário da neologia estilística (GUILBERT, 1975, p.41).

Enquanto criação estética, *poiésis*, a obra literária agrega liberdade ao material lingüístico já envelhecido. A criação neológica é, portanto, revolta e libertação do falante diante do mundo metódico e arcaico em que vive. O artista, conhecido por chocar a sociedade, dever-se-á utilizar dessa ferramenta estilística a fim de se exceder em inovação e inventividade.

Segundo Mattoso Câmara (1968), os neologismos se dividem em sintáticos e vocabulares. Enquanto àquele cabe o estudo das estruturas frasais do enunciado, a este basta a

análise dos vocábulos, palavras e elementos léxicos nas estruturas enunciativas. Ora, se por um lado temos elementos fixos e alternantes ao movimento e posicionamento de si na frase, por outro temos um elemento fixo que pode, pela carga semântica e fundante que lhe é inerente, proporcionar toda uma carga volitiva de acepções dentro da vastidão que é a própria frase.

Ao mesmo tempo, o léxico supre o imaginário e a criatividade lingüística dos falantes de uma língua. Léxico é, em suma, reflexo das coisas, das relações humanas, do caráter do homem e de seus pensamentos (BARBOSA, 1981). Vide o exemplo do vocábulo tupi “ai”, palavra que identifica um animal de aspecto preguiçoso e modorrento como o é o Bicho-Preguiça. Por conseguinte, constata-se, quando da chegada dos portugueses por estas terras, a analogia dos hábitos e índole desse animal com o *ethos* nativo dos indígenas. Daí a evolução da palavra para a acepção expressiva “ai”, manifestação dos hábitos do tal mamífero nos seres humanos. Prova é a interjeição já clássica do herói sem nenhum caráter, Macunaíma: “ai, que preguiça!” (ANDRADE, 2000, p.13).

É cediço que a literatura, por si só, caracteriza-se como farto ambiente de riquezas de criações lexicais, pois “é através dos meios de comunicação de massa e de obras literárias que os neologismos recém-criados têm oportunidade de serem conhecidos e, eventualmente, de serem difundidos” (ALVES, 2004, p.06). Afinal de contas, a criação literária, como toda forma comunicativa, faz parte da esfera lingüística e possui, assim sendo, expressividade que provém do ato social.

2. *Uníssonos*: o romance *Os Desvalidos*, de Francisco J.C. Dantas: vozes periféricas e centrais no sertão sergipano

Como gênero agregador de textos, discursos e demais gêneros, o romance – criação estética derradeira da modernidade – alia mundos distintos e diverge sentidos similares. Plasmar um universo arcaico e outro moderno, além de mesclar o falar coloquial com o erudito, comporta o gênero romanesco em variados exemplos já canonizados: *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa; *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust; *O Homem sem qualidades*, de Robert Musil; dentre muitos outros.

No Brasil, seguindo o mesmo ritmo poético legado por Guimarães Rosa, o escritor Francisco J.C. Dantas exprime em suas obras literárias o regionalismo particularizado do falar e dos costumes tradicionais do sertão sergipano, mesclando ainda em suas criações valores

humanos universais. Não por acaso, a poética deste autor assemelha-se ao hiper-regionalismo do criador de Riobaldo e Diadorim. Como pode ser constatado em confissão do próprio Dantas em “A Lição Rosiana” (DANTAS, 2002):

Pois bem, ao ler pela primeira vez os textos de Rosa sobre bois e boiadas, fiquei pasmo com os pormenores de suas notações e, como se revivesse o sumo de suas frases, fui assimilando os detalhes que, na minha obtusidade de rapaz, jamais me ocorreram. Foi tamanha a empatia que, enquanto galopava em suas páginas, fui tomado pela sensação de que estava revivendo e conferindo o que me passara despercebido na minha longínqua prática de rapazote boiadeiro. (DANTAS, 2002, p.388-389)

Se por um lado a influência de Guimarães Rosa é latente na prosa de Francisco J.C. Dantas, não será mero acaso ser *Os Desvalidos*, obra lançada em 1993, simbiose poética dos gêneros já consagrados no imaginário e na cultura popular nordestina: o cordel, as histórias sobre Lampião e o último fôlego da cultura musical daquela região, o repente. Por ser obra agregadora de outros gêneros, o romance do autor sergipano não se olvida em dialogar também com o estilo rosiano (prosa poética, presença de figuras de retórica, musicalidade), junto a um trabalho árido e cortante com a linguagem, bem ao estilo seco e árido de outra influência setaneja, Graciliano Ramos.

Abordando os últimos suspiros da personagem de Lampião (o coronelismo e o cangaço) e do Sergipe arcaico (ainda ligado ao latifúndio), encontramos a transcendência da prosa e da estrutura romanesca pelas transformações as quais sofrem os demais protagonistas da trama, bem como do mundo que os cercam: nesse caso, do antigo ao moderno, da mudança rumo à industrialização, aos poderes do governo, e do caminho do até então “desvalido”; o povo sertanejo, que agora migrará à cidade.

A principal consideração a ser feita ao roteiro d’*Os Desvalidos* diz respeito à travessia (termo evidentemente rosiano) das personagens de Coriolano, de Tio Filipe, Maria Melona e até mesmo de Lampião. Seres errantes do sertão, esses indivíduos almejam a mudança de vida, a melhoria de suas existências insuficientes. Inseridos na mais baixa esfera social, esses desvalidos percorrem o sertão em casos e causos típicos das narrativas orais e presentes no cordel e nas fabulações folclóricas dos mestres do repente.

Coriolano, personagem principal da trama, é o personagem já arquetípico do sertanejo: espécie de pobre coitado, marginalizado, não dado ao estudado, e vivendo em condição de alienação e desprovido do intento de pensar. Do Aribé, topônimo do vilarejo imaginário criado pelo autor, Coriolano finda sua trajetória em Rio-das-Paridas (topônimo ligado ao

fluxo incessante de nascimentos daqueles que não vingam: “paridas”), *locus* de encontro com Tio Filipe e a esposa deste, Maria Melona.

O enredo da trama, e das vidas de Coriolano e Tio Filipe, converge rumo ao adultério de Maria Melona: a fuga desta de Rio-das-Paridas, e seu travestimento em Zé Queixada, agora cangaceiro do bando de Lampião (como à imagem arquetípica da donzela guerreira vista no imaginário europeu em Joana D’Arc, e na literatura brasileira na personagens de Diadorim, de Guimarães Rosa). Força volitiva da obra, Maria Melona reencontra Coriolano e Tio Filipe. No entanto, agora no grupo de Lampião, a donzela agrega estes ao bando.

À revelia de Maria Melona, depois convertida em Saitica (após revelada sua real identidade a Lampião), Tio Filipe foge com a moça-guerreira. Debandados do grupo de cangaceiros, assim como Coriolano, o casal é emboscado pelas tropas militares.

Coriolano, por seu turno, retorna ao Rio-da-Paridas, ponto de retorno de sua jornada pelo sertão sergipano e culminância do jaguncismo e do cangaço, onde, por ora, restará aos coroneis assumir conluio com as forças do Estado.

O momento derradeiro da narrativa sintetiza o fim do mítico sertão das narrativas populares e dos gêneros artísticos (cordel e desafios do repente), bem como já antevê a transposição de um arcaico mundo a um agora mundo novo, que passou de regional-primitivo-popular ao universal-inovador-erudito.

Assim, será com base nos estudos da vertente estilística que o presente trabalho se propõe a investigar as criações lexicais, bem como as ocorrências neológicas, presentes na obra *Os Desvalidos*, de Francisco J.C. Dantas. Autor sergipano que estreou nas letras em 1991, com *Coivara da Memória*, livro louvado por pesquisadores de renome da crítica literária nacional, como Benedito Nunes e Alfredo Bosi.

A metodologia de tal empreitada se fundamenta em filtrar os elementos estilísticos mais evidentes na prosa de Francisco J.C. Dantas e também selecionar as unidades lexicais neológicas encontradas na obra romanesca do autor. Assim, separar e analisar os vocábulos criados pelo escritor, especificamente para o romance aqui analisado, coadunam com o processo interpretativo da mesma. Uma vez que interpretar a fala, os registros orais, as expressões coloquiais, as locuções, gírias e vocábulos novos inventados pelo escritor sergipano encerra o fio condutor da análise estilística de tal romance.

3. *Andante*: o estilo cortante, híbrido e poético de Francisco J.C Dantas

A organização estrutural, estilística e discursiva de *Os Desvalidos* parelha com a organização social do sertanejo, bem como com a sua evolução no âmbito sócio-histórico daquele rincão. Se, como salienta Bakhtin (2003), o gênero discursivo reafirma as condições das esferas sociais embasado nas situações temáticas, composicionais e estilísticas da comunicação; para Théron, a obra discursiva “ne doit pas opposer la forme et le sens, ce qui sera artificiel. Les deux perspectives sont étroitement liées, imbriquées. [...] En somme, il y a, à côté d'un sens intellectuel, notionnel, ou conceptuel, de l'œuvre, un 'sens formel'”. (THÉRON, 1992, p.09)³.

Desta feita, comumente o romance *Os Desvalidos* se vale das vozes dissonantes dos habitantes do sertão para expressar – por meio do léxico, das locuções, dos provérbios populares e das gírias – um estilo comunicativo individual, *ethos* daquele sujeito. Essa exposição da realidade pelo dualismo (in)conciliável da palavra é sondado logo na abertura do livro: “Apanhado de susto, no papoco da notícia que acaba de atroar, Coriolano estremece de coração em rebates pegando a boca do peito. Freme-lhe o couro, esbarra a costura da chinela e apura as ouças de faro aguçado, espichando o pescoço pra fora da cacunda.” (DANTAS, 2012, p.13).

Plenamente formulada, a complexa nuance entre a linguagem popular e a utilização de vocabulário arcaico ou de pouco uso soergue ao gênero romanesco os sinais da realidade dos brasis: um, primitivo e arcaico (desprestigiado); já outro, novo e revolucionário (prestigiado). Essa fluência de mundos e de linguagens foca o traço estilístico do autor, diferencia o mesmo diante do domínio padrão de língua e das estruturas canonizadas de prosa. Como salienta Pierre Guiraud, em *A Estilística*: “o traço característico constitui um desvio estilístico individual, um modo de falar particular, que se afasta do uso normal. Todo afastamento da norma da linguagem reflete um afastamento em algum outro domínio.” (GUIRAUD, 1978, p.100).

3.1 – Jogos Sonoros

A linguagem oral seduz o autor d'*Os Desvalidos* a brincar com o lirismo do falar popular: “Faz finca-pé cambaleando, escora-se no cajado, e espicha as mãos para os ares dando um abraço no mundo, se reconciliando com a vida e já sarado dos males” (DANTAS,

³ não deve opor a forma ao significado, o que será artificial. As duas perspectivas estão intimamente ligadas, imbricadas [...] Em suma, há, ao lado de um sentido intelectual, nocional, ou conceitual, da obra, um "sentido formal". (tradução minha)

2002, p.18). A locução “finca-pé” ou “fincar-pé” trata-se, segundo o dicionário Houaiss (2009), de marca de oralidade da linguagem popular, cujo sentido envolve a obstinação, ou o ato de teimar.

A mesma frase, analisada amiúde, abrange uma sonoridade causada pelo recurso da repetição do fonema vocálico /a/, portanto uma assonância, tanto em sua sonorização aberta, /á/; quanto fechada /â/: “cambaleando”, “cajado”, *espicha as mãos para os ares*”, “*a vida e já sarado dos males*”. Essa alternância vocálica entre fonema aberto/fechado enseja à prosa um ritmo célere, próprio do falar toante do sertanejo. Escrita íntima à lírica poética, e que é comprovada ao desmembrar-se prosa em versos:

Faz finca-pé cambaleando,
escora-se no cajado
E espicha as mãos para os ares
Dando um abraço no mundo,
Se reconciliando com a vida
E já sarado dos males

Em outros momentos, destaca-se ainda o jogo ondulatorio de aliterações e assonâncias com ênfase em vogal de tonalidade sombria (o/ô) e de consoante oclusiva (t): “Amoitado de gatilho na espera, tresmoendo aqui à toa o medo entrevado no corpo sem nunca se despachar, sovertido num semidouro de ânsias” (DANTAS, 2002, p.19, grifos nossos). O emprego alternado de tal recurso, ainda mais se levado em conta o aspecto fechado e escuro que nos remete a vogal e a oclusiva, transcende a mera expressão oral empreendendo forças a enfatizar tal frase, ganhando esta ares poéticos.

Dentro ainda de um padrão de estrutura lúdica da prosa, há presença de frases formuladas por períodos paratáticos e hipotáticos, como no exemplo a seguir:

E o pobre do Coriolano, com as mãos acostumadas a pegar sola ensebada e macia, teve de abrir calos nas palmas, torcendo o relho das brochas para os canzís, costurando o enervamento das cangas, fazendo laçadas das tiradeiras e cambitos, e mais outros arreios de semelhante feitio, que lhes papocavam uma bolha em cada dedo, e eram servidos aos mansos bois caracus que arrastavam os possantes arados a cortar a terra em talhadas de arrozais. (DANTAS, 2012, p.107).

3.2 – Expressões populares e regionais

O uso de expressões populares do sertão sergipano, bem como de locuções próprias da região, abundam em *Os Desvalidos*: “até esgotar a paciência e desatar o *nó do cambalacho*” (DANTAS, 2002, p.32, grifo nosso), “Dia a dia vai pingando na moleza *moeda por moeda*”

(DANTAS, 2002, p.43, grifo nosso), “Mas como nada desta pura vida *se esfarinha em vão*” (DANTAS, 2002, p.39, grifo nosso), “me obrigando a *pedir rancho*” (DANTAS, 2002, p.39, grifo nosso), “carecia de *remir a vida*” (DANTAS, 2002, p.39, grifo nosso), “Como o tinham na conta de um *caga-raiva* de pavio muito curtinho” (DANTAS, 2002, p.36, grifo nosso), “umas tais *relepadadas* de brutinho” (DANTAS, 2002, p.31, grifo nosso), “cavalinho *esquipador*” (DANTAS, 2002, p.106, grifo nosso), “nem vai dar o gosto de que o vejam a *dar o couro às varas* sem subir de posição” (DANTAS, 2002, p.21, grifo nosso).

3.3 – Arcaísmos e palavras dicionarizadas

Ao mesmo tempo, a variedade de palavras arcaicas, de pouco uso, e dicionarizadas, emanam da escrita homogênea e aglutinadora de Francisco Dantas: “maganão” (DANTAS, 2002, p.34), “mercadejando” (DANTAS, 2002, p.34), “consumição” (DANTAS, 2002, p.33), “despique”, (DANTAS, 2002, p.33), “*desbandeirou* a devorar a estante do tio” (DANTAS, 2002, p.30, grifo nosso), “uns modos *invergáveis* e *enganjentos*” (DANTAS, 2002, p.31, grifo nosso), “coisinha *novidadeira*” (DANTAS, 2002, p.31, grifo nosso), “lhe davam *engulho*” (DANTAS, 2002, p.106, grifo nosso).

3.4 – Prefixações

De caráter polimórfica, a prosa da obra irrompe ainda em criações neológicas que, em uníssono com o vocabulário erudito do brasileiro letrado e a variedade criativa do falar popular do sertanejo, desenvolve ao enunciado as facetas do Brasil (ora arcaico, ora moderno).

Prefixação por junção de morfema preposicional, “*trans-*”; com morfema espaço-temporal, “ontem”: “Para espalhar mais cedo a morte daquele que ainda *transontem* era gavado por ter o corpo fechado” (DANTAS, 2002, p.14, grifo nosso).

Prefixação por junção do morfema protético “*a-*”: “O maquinista falou pelos cotovelos, se lambuzando na miudeza cruel da chacina *assucedida*” (DANTAS, 2002, p.15, grifo nosso), “e batem os beijos *apregando* na feição abrutada o seu pesar” (DANTAS, 2002, p.17, grifo nosso).

Prefixação indicativa de repetição “*re-*”: “vai é *rearrumar* o negocinho” (DANTAS, 2002, p.18, grifo nosso).

Prefixação objetivando ao verbo o sentido de colocar, pôr; “-en”: “os olhos se *envidrando* na carinha de Filipe” (DANTAS, 2002, p.20, grifo nosso).

3.5 – Sufixações

Terminações, acréscimos sufixais, em “-eiro”/“-eira”: “Ficou assim tão *bambeadeiro*” (DANTAS, 2002, p.13, grifo nosso), “as chagas quentes e as perdas *judiadeiras* que se esgalharam” (DANTAS, 2002, p.20, grifo nosso), “Com a perna *doedeira*” (DANTAS, 2002, p.16, grifo nosso). As duas primeiras frases formadas por adjetivação deverbal, enquanto que a última frase se constitui por qualificativo de indivíduo por traço comportamental.

Terminação sufixal variante “-eira” modificada, por acréscimo sufixal, em “-ura”, com intenção de reforço (aumentativo): “é uma *doidura* que se desata de dentro” (DANTAS, 2002, p.21, grifo nosso).

Terminação sufixal diminutiva, “-inho”/“-inha”, de forma a atribuir ao radical o sentido de “acentuar um valor afetivo: “Ai, como é bom o *agradinho* do vento” (DANTAS, 2002, p.14, grifo nosso), “A notícia chegou *indagorinha*” (DANTAS, 2002, p.14, grifo nosso), “A boa pontaria de um *frangotinho* já refeito no cangaço” (DANTAS, 2002, p.15, grifo nosso), “O medo desertou do coração dos homens, de tal forma que mesmo os que lamentam a bagaceira, não conseguem arrancar da tampa da cara um *arejinho* rabeador e vadio” (DANTAS, 2002, p.17, grifo nosso), “vai é rearrumar o *negocinho*” (DANTAS, 2002, p.18, grifo nosso), “*Apetrechinhos* de serviço que já não servem pra nada” (DANTAS, 2002, p.19, grifo nosso).

Sufixação formada por adjetivação deverbal: “só o diabo do tamanco é que nunca se acaba de *aturativo*” (DANTAS, 2002, p.20, grifo nosso).

Terminação sufixação em “-ação” com valor de atribuir sentido admirável ao radical, “processo de expansão em relação ao elemento-base” (MARTINS, 2004, p.30): “Quem me garante que toda essa zoada não é rebate falso ou alguma *invenção*?” (DANTAS, 2002, p.16, grifo nosso).

Terminação, sufixo adjetival com valor referencial e/ou expressivo, em “-oso”: “Com menos de quarenta e oito horas que o *serpentoso* teve o cachaço decepado por um facão de Jacaré” (DANTAS, 2002, p.23, grifo nosso).

Terminações, sufixos derivacionais, em “-ado”/“-ada” (nominalização): “Mas vê-se que, tirante meia dúzia de sujeitos mais encardidos e mais decantados, esse fiapo de anuência aflui apenas dos veios da boa amizade, sem nenhuma ligança para o tal *despescoçado*” (DANTAS, 2002, p.17, grifo nosso), “E ali mesmo no chão *empiçarrado* e de dedos espalmados” (DANTAS, 2002, p.17, grifo nosso), “Vai espalhar a viagem *ensegredada* que tem armado e desarmado todo santo dia (DANTAS, 2002, p.18, grifo nosso), “no fundo mais escondido de seu ermo *varejado*” (DANTAS, 2002, p.18, grifo nosso), “e sacode a *trenzada* no pé da parede” (DANTAS, 2002, p.20, grifo nosso).

3.6 – Demais criações lexicais

Junção de elementos prefixais e sufixais variantes com estrutura de amálgama: “sovertido num *semidouro* de ânsias” (DANTAS, 2002, p.19, grifo nosso). “Semi-”, com função equivalente à quantificação (quase, meio, metade, um tanto); e “-ouro”, com função de indicação de local (embarcadouro, por exemplo). Cabe também ao neologismo “semidouro” a possibilidade de ser também corruptela de semeadouro/semeadoiro.

Derivação parassintética (junção simultânea de prefixo prefixo e sufixo a uma base): “Um palhaço, *atrepado* nos dois degraus de tristeza feitos de pernas de pau” (DANTAS, 2002, p.14, grifo nosso).

Formas pluralizadas de elementos mórficos invariáveis: “E o retrato vivo de que não há mais *senões* a esmiiçar” (DANTAS, 2002, p.16, grifo nosso).

Termos não dicionarizados ligados à geografia e/ou geologia da região, toponímicos: “É pena que não enxergue, pelo oco da janela, a *gadama* remoendo debaixo da escuridão” (DANTAS, 2002, p.14, grifo nosso).

Termo regionalista para designação de objeto: “Ou de algum eventual remendo de meia-sola em chinelas, alpercatas e *rolos*” (DANTAS, 2002, p.15, grifo nosso). “Rólós”: tipo de calçado.

Considerações finais

Verifica-se, por certo, que todas as vias percorridas pelo autor – do falar erudito ao popular, dos artificios poéticos mais regionalizados ao universalizados –, comprovam as variações pela qual sofre a prosa de Francisco J.C. Dantas em *Os Desvalidos*. A oscilação de

prosa e poesia confirma a disparidade da(s) cultura(s) brasileira(s) e da mentalidade do seu povo, experiências entrelaçadas por visões diferentes, mas correspondentes ao serem plasmadas pela *poiesis*.

O romance de Francisco J.C Dantas comprova o apuro estilístico e o tom eloqüente no trato das questões universais propostas pelo autor sergipano. Além de embevecer o gênero romanescos com dissociações estruturais, quase fundindo a voz do narrador às falas e pensamentos das personagens, por exemplo; os movimentos líricos provenientes do esforço de rememoração dos acontecimentos, suspendem, por breve instante, o segmento sintático das palavras, alternando com o jogo de usos e desusos do falar popular, coloquial.

À análise da obra segue ainda um apontamento relevante a ser destacado: a junção a qual é proposta pelo autor a fusão de dois mundos por meio da linguagem: ora erudito, apresentando morfemas arcaicos ou de pouco e nenhum uso na atualidade; e as expressões populares, as gírias, as locuções típicas do falante do sertão nordestino. Outrossim, não é mera coincidência a utilização de tal artifício, mas sim resvala ao ponto de aspiração de uma cultura ainda central, dita superiora; e outra que dura ao tempo, periférica: visões do homem brasileiro contextualizado no papel e transfigurado nos arquétipos vistos na obra.

O gênero híbrido, propriedade incondicional do romance, ganha aqui uma exigência definidora: a simbiose entre discursos, ideologias e estilos divergentes. O jogo de aparente submissão de idéias e estruturas características às particularidades de discursos outros mostra-se agora estratégia de desenvoltura e criatividade do *savoir-faire* literário:

as línguas ditas precisamente naturais carregam uma grande quantidade de expressões imagéticas, provérbios, comparações, fórmulas ritmadas, etc. – resíduos de criações poéticas deliberadas ou espontâneas – em resumo, toda uma retórica congelada, mas suscetível de ser chamada à vida. (DUBOIS et al, 1974, p.32).

A tessitura poética da linguagem, proveniente de dois mundos (culto e/ou erudito com o popular), faz com que a experiência poética torne-se mista tão quanto os discursos apreendidos; vencedor/vencido, herói/bandido, campo/cidade, centro/periferia. Sujeitos semelhantes enquanto categoria social, contudo, anônimos que coadunam quando enxertados na unidade totalizante do romance. O estilo do autor apreende a dicção erudita dos homens letrados para dar vazão aos excluídos, ou desvalidos, da minoria rural-interiorana.

Referências

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo – criação lexical*. São Paulo: Ática, 2004.
- ANDRADE, Mário. *Macunaíma – o herói sem nenhum caráter*. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *A linguagem regional popular na obra de José Lins do Rego*. João Pessoa: FUNESC, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade*. São Paulo: Global, 1981.
- BUFFON, Georges-Louis Leclerc. Discours sur le style. *Classiques pour tous*. Paris: A. Hatier, 1946.
- COMBE, Dominique. La Stylistique dès Genres. *Langue Française*. n.135, p. 33-49, 2002.
- DANTAS, Francisco J.C. A lição rosiana. *Scripta*. Belo Horizonte: v.5, n.10, p.386-392, 2002.
- _____. *Os Desvalidos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012
- DISCINI, Norma. *O Estilo nos Textos – histórias em quadrinhos, mídia, literatura*. São Paulo: Contexto, 2009.
- DUBOIS, Jacques et al. *Retórica Geral*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.
- GUIRAUD, Pierre. *A Estilística*. São Paulo: Mestre Jou, 1978.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes/Unicamp, 1997.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à Estilística – a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1989.
- _____. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: Edusp, 2001.
- MATTOSO CÂMARA JR. J. *Dicionário de Filologia e Gramática*. São Paulo: J.Ozon, 1968.
- THÉRON, Michel. *Réussir le commentaire stylistique*. Paris: Ellipses, 1992.
- ZACHARIAS, Manif. *A Lexicologia de “Os Sertões”*. Florianópolis: Garapuvu, 2001.

Artigo recebido em março de 2013.

Aceito em julho de 2013.